



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSÉ IRAN DA SILVA

Professor e Profissão: A importância da docência na zona rural com turma
multisseriada

SOUSA – PB

2014

JOSÉ IRAN DA SILVA

**Professor e Profissão: A importância da docência na zona rural com turma
multisseriada**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Ma. Ariane Benício de Sá
Barreto

SOUSA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, José Iran da
Professor e profissão [manuscrito] : a importância da docência na zona rural com turma multisseriada / José Iran Da Silva. - 2014. 36 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto, Departamento de Letras e Humanidade".

1. Educação do Campo. 2. Aula Multisseriada. 3. Políticas Públicas. I. Título.

21. ed. CDD 370

JOSÉ IRAN DA SILVA

**Professor e profissão: A importância da docência na zona rural com turma
multisseriada**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em: 19, 07, 14

BANCA EXAMINADORA

Ariane Benício

Orientador (a): Prof(a) Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto

UEPB

Janine Dias

Examinador (a): Prof (a) Dra. Janine Dias

UEPB

Francineide Pereira Silva

Examinador (a): Prof(a): Ma. Francineide Pereira Silva
UEPB/CAMPUS IV

SOUSA – PB

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus colegas professores do município de Cajazeiras, tanto da rede municipal e estadual, principalmente aqueles que viajavam comigo todos os sábados, como Luzia, Genivalda, Marli, Vera, Mercia, Bernadete. Aos meus colegas do curso, que fizemos uma amizade, jamais imaginada durante as aulas, e especialmente a Francisco Lima da Silva, professor de verdade.

AGRADECIMENTOS

Às professoras, Ariane Kércia, que teve muita paciência em me suportar durante os dois últimos módulos do curso e principalmente nessa monografia, Eliane Melo incansável com o primeiro módulo: Diversidade e Identidade Cultural, Janine Dias com o módulo: Concepção e Fundamentos da Educação do Campo, que foi bastante debatido nas nossas aulas, Maria Praxedes no módulo: Cultura, Sujeito na Contemporaneidade, a minha colega Zuleide Ferreira Martins que me ajudou na tradução do resumo e não esquecendo os tutores dos módulos à distância, representados pela professora Karol, sempre vigilante durante o curso e Ana Alice Rodrigues, determinada, de muita parcimônia na condução da coordenação do polo regional de Sousa.

Obrigado!

Educação não transforma o mundo Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo

Paulo Freire

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes

Cora Coralina

RESUMO

As especificidades pedagógicas no meio rural, de situação social difícil para educandos onde famílias sobrevivem da agricultura, revelam a importância do trabalho docente para as comunidades envolvidas na manutenção de suas tradições e na busca de uma melhoria da qualidade de vida através da Educação do Campo. Adotada nos últimos quinze anos, em termos de políticas públicas no nosso país, a educação do campo traz, no seu referencial base, a compreensão da diversidade considerando as contradições e limites dessa prática educacional, onde a educação não se desvincula da sua sobrevivência ou existência no meio rural inserindo o Estado no âmbito das conquistas de acesso à escolarização. A Educação Rural, atualmente, oficializada como Educação do Campo e sua prática pedagógica em sala multisseriada, é nosso tema principal, e serve para refletir a prática docente, com destaque para o trabalho desenvolvido pelo Professor Francisco Lima da Silva, da comunidade rural do Sítio Bé, município de Cajazeiras-Paraíba, onde com todas as dificuldades enfrentadas, tem na sua prática profissional a admiração de todos os colegas de Cajazeiras e é reconhecido como um profissional exemplar, que de forma simples exalta a importância da profissão Professor no espaço rural há trinta e dois anos. Para melhor compreensão desse contexto, recorreu-se como aporte teórico aos autores Maria Isabel Antunes-Rocha (2012), Bernardo Mançano Fernandes (2012), Clésio Acilino Antonio e Marizete Lucini (2007), Mônica Molina (2004), Carlos Henrique S. Medrado (2012), entre outros.

Palavras-chave: Educação do Campo, Aula Multisseriada, Políticas Públicas.

ABSTRACT

Pedagogical specifics in rural areas, difficult social situation for students where families survive on agriculture, reveal the importance of teaching for the communities involved in maintaining their traditions and seeking a better quality of life through the Field Education. Adopted in the last fifteen years, in terms of public policy in our country, rural education brings in its reference base, understanding of diversity considering the contradictions and limits of this educational practice, where education is not out of their existence or survival in rural areas entering the State under the conquests of access to schooling. The Rural Education currently formalized as Field Education and multisseriate in their practice room is our main theme, and serves to reflect the teaching practice, highlighting the work done by Professor Francisco Lima da Silva, the rural community Site Bé, municipality of Cajazeiras-Paraíba, where with all the difficulties, in their professional practice has the admiration of all colleagues Cajazeiras and is recognized as an exemplary professional who simply emphasized the importance of the teacher profession in rural areas there thirty-two years. For better understanding of this context, we used a theoretical contribution to the authors Maria-Isabel Antunes Rocha (2012), Bernardo Mançano Fernandes (2012), and Marizete Clésio Acilino Antonio Lucini (2007), Monica Molina (2004), Carlos Henrique S. Medrado (2012), among others.

Keywords: Field Education, Multisseriate Education, Public Politics

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	26
TABELA 2	26
TABELA 3	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- EDUCAÇÃO RURAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO MARCO LEGAL	11
1.1- Construindo políticas pedagógicas para o campo	13
2- EDUCAÇÃO MULTISSERIADA E SUA PRÁTICA NO CAMPO	16
2.1- O papel pedagógico do professor do campo.....	18
3- AMBIENTE ESCOLAR NO CAMPO: PRÁTICA SIMPLES FAZ DIFERENÇA....	21
3.1- Diário de pesquisa	21
3.2- Escola de campo: realidades	24
4- CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA.....	30
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6- REFERÊNCIAS	34
ANEXOS

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica em escolas do campo em sala multisseriada é um grande desafio, pois hoje o entendimento dos órgãos competentes, atendendo recomendação do Ministério da Educação (MEC), é a nucleação dessas escolas por não atenderem as condições mínimas, e por enfrentarem dificuldades diversas que vão desde a sua infraestrutura, baixo desempenho na condução do processo ensino-aprendizagem, dificuldades em encontrar professores que se adequem as condições inerentes ao campo ou zona rural e problemas, principalmente, em termos de recursos financeiros que viabilizem o seu pleno funcionamento, já que escolas localizadas em áreas rurais são em sua grande maioria de pequeno porte, como se não pudessem assim funcionar e deixassem que esse ofício passasse a ser desempenhado apenas por escolas maiores. Educação pública não é um negócio comercial, portanto, não deve ser tratada com essa visão imediatista do ponto de vista empresarial visando um pragmatismo funcional.

No momento que vivenciamos uma espécie de alerta vermelho no sistema educacional devemos procurar fazer com que as autoridades responsáveis, em todas as esferas administrativas, passem a reconhecer e valorizar o trabalho daqueles que fazem a diferença no meio educacional mostrando a importância do exercício da profissão Professor na contemporaneidade em espaços rurais, mesmo com sua prática tradicional, com sala multisseriada, porém, exitosa através da Educação do Campo.

Nessa perspectiva o presente trabalho apresenta a prática docente do Professor Francisco Lima da Silva, no espaço rural Sítio Bé, e suas adjacências, com Sítio Rudado, Matuto, Bodes e Cabeça da Onça, município de Cajazeiras, Paraíba, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental João Francisco de Souza.

No espaço rural com todos os obstáculos possíveis a prática docente do Professor Francisco passa a ter uma abnegação significativa em função da sua natureza multisseriada, envolvendo alunos do pré-escolar até o quinto ano do ensino fundamental. O olhar da pesquisa toma como foco sua experiência principalmente por em sua história destacar-se o caráter exitoso dessa prática educacional, que é reconhecida por todos da comunidade escolar e do sistema municipal de educação.

Nesse sentido, nos quatro capítulos que compõem o presente trabalho:

Analizamos e refletimos a importância da prática docente ou da profissão Professor da educação básica na contemporaneidade.

Relacionamos dificuldades no cotidiano escolar e sua prática reconhecendo as dificuldades de trabalho na diversidade com alunos em turmas multisseriadas.

Por fim, investigamos e comprovamos quantitativa e qualitativamente os resultados da aprendizagem dos educandos por meio da metodologia do Professor no espaço da sala multisseriada, conforme reconhecem as comunidades envolvidas, os colegas de magistério e a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Cajazeiras.

1- EDUCAÇÃO RURAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO MARCO LEGAL

As bases legais da Educação do Campo são ditadas atualmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em dezembro de 1996. A LDB desvincula a escola rural da escola urbana com um planejamento adequado à vida rural. Como objetivo principal, a educação pretende alcançar dimensões sócio-políticas e culturais com base na cidadania e nos princípios de solidariedade. Para tanto, "a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social" (Brasil/MEC, LDB 9.394/96, art. 1º, § 2º).

[...] Deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei de modo a favorecer a escolaridade rural com base na sazonalidade do plantio/colheita e outras dimensões socioculturais do campo. (Brasil/MEC, LDB 9.394/96, art. 23, § 2º).

A primeira resolução do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica e demais modificações sofridas recentemente, prioriza propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida. Conforme as Diretrizes para a Educação Básica do Campo (Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB nº 1/2002, e Parecer CNE/CEB nº 3/2008 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008, e Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010). Estabelece:

O atendimento escolar às populações do campo, povos indígenas e quilombolas requer respeito às suas peculiares condições de vida e pedagogias condizentes com as suas formas próprias de produzir conhecimentos, observadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010).

As escolas das populações do campo, dos povos indígenas e dos quilombolas, ao contar com a participação ativa das comunidades locais nas decisões referentes ao currículo, estarão ampliando as oportunidades de:

I – reconhecimento de seus modos próprios de vida, suas culturas, tradições e memórias coletivas, como fundamentais para a constituição da identidade das crianças, adolescentes e adultos;

II – valorização dos saberes e do papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo, seu ambiente natural e cultural, assim como as práticas ambientalmente sustentáveis que utilizam;

III – reafirmação do pertencimento étnico, no caso das comunidades quilombolas e dos povos indígenas, e do cultivo da língua materna na escola para estes últimos, como elementos importantes de construção da identidade;

IV – flexibilização, se necessário, do calendário escolar, das rotinas e atividades, tendo em conta as diferenças relativas às atividades econômicas e culturais, mantido o total de horas anuais obrigatórias no currículo;

V – superação das desigualdades sociais e escolares que afetam essas populações, tendo por garantia o direito à educação; Os projetos político-pedagógicos das escolas do campo, indígenas e quilombolas devem contemplar a diversidade nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, estéticos, de gênero, geração e etnia. As escolas que atendem essas populações deverão ser devidamente providas pelos sistemas de ensino de materiais didáticos e educacionais que subsidiem o trabalho com a diversidade, bem como de recursos que assegurem aos alunos o acesso a outros bens culturais e lhes permitam estreitar o contato com outros modos de vida e outras formas de conhecimento.

A participação das populações locais é importante também para subsidiar as redes escolares e os sistemas de ensino quanto à produção e oferta de materiais escolares e no que diz respeito ao transporte e a equipamentos que atendam as características ambientais e socioculturais das comunidades e as necessidades locais e regionais.

A educação para a população rural é tratada no presente sob a denominação de Educação do Campo e aglutina uma variada realidade que engloba as mais diversas práticas da vida no campo, tais como os espaços onde vivem os povos tradicionalmente agricultores, extrativistas, caçadores, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, posseiros, arrendatários, meeiros, caseiros, sitiantes, fazendeiros, empregados rurais e outros aqui não especificados, mas relacionados ao campo.

No âmbito do município de Cajazeiras a Educação do Campo, avançou muito nos últimos dez anos, e hoje já existem várias ações incluídas nos quatro eixos do Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO do Ministério da Educação), que prevê apoio técnico e financeiro aos municípios, estados e Distrito Federal para construção de escolas no campo, investimento na formação inicial e continuada dos professores e disponibilização de material didático específico, e mesmo antes do lançamento desse plano, muitas ações já estavam em andamento, como revela a Professora e Pedagoga da UFCG Campus de Cajazeiras, Adelaide Pereira da Silva, fundadora do Conselho Municipal de Educação, ela afirma também que em esfera local existem experiências em educação contextualizada para a convivência com o Semiárido que deverão ser incluídas nas metas e objetivos para futuras políticas públicas na próxima atualização do Plano Municipal de Educação que acontecerá ainda este ano de 2014.

Hoje a Educação do Campo em Cajazeiras, está regulamentada através da Resolução CME (Conselho Municipal de Educação), nº 01/2012 com base nas resoluções do CNE (Conselho Nacional de Educação), onde todas as instituições escolares da zona rural estão, a partir de então, fazendo parte do Sistema Municipal de Educação como Escolas do Campo.

1.1- CONSTRUINDO POLÍTICAS PEDAGÓGICAS PARA O CAMPO

As políticas educacionais para o campo procuram incentivar valores culturais como fator principal para o desenvolvimento da cidadania, isso acontece de forma muito clara quando, os principais manuais de educação do campo afirmam que se faz necessário compreender as raízes desses povos valorizando etnias, festas, gestos, símbolos, religião, música, enfim, produções culturais próprias de cada povo fugindo do sentido alienante que muitas vezes é produzindo na sociedade atual.

A Educação do Campo nasceu das lutas do movimento do MST (Movimento dos Sem Terra), principalmente com o apoio do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, coordenado pelo INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura), e das suas necessidades de implementar uma política educacional para os seus assentados ou acampados da reforma agrária com uma matriz político-pedagógica voltada para suas ideologias e concepções de campo, ou seja, voltadas especificamente para o movimento de luta por uma educação do campo com o desafio da luta pela terra e pela reforma agrária que compõe um modelo de escola, de campo e de sociedade.

Um trabalho que mostra bem essa construção de políticas pedagógicas no campo e ressalta a vinculação com as ideias de Paulo Freire, encontramos no trecho do artigo de Antonio e Luceni (2013, p.3):

No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) tornar-se-á, a partir da década de 1980, o mais combativo e forte movimento social do campo. Um dos seus eixos de proposição e ação é o da educação, que se constituiu como uma necessidade no processo de construção e reconstrução do Movimento. Como aponta Arroyo, na apresentação do livro de Caldart (2000), a relação que o MST estabelece com a educação remete a outros momentos da história. Vejamos: Penso em um dos capítulos tão fecundos na história da educação latinoamericana: a educação popular e o pensamento de Paulo Freire. Eles nasceram colados à terra e foram cultivados em contato estreito com os camponeses, com suas redes de socialização, de reinvenção da vida e da cultura. Nasceram percebendo que o povo do campo tem também seu saber, seus mestres e sua sabedoria. (Arroyo, 2000, p. 14) Assim, o pensamento de Freire, por estar enraizado na profunda indignação dos educadores, diante dos processos desumanizadores vividos pelos camponeses, encontra-se com o sonho de libertação dos sem-terra que, organizados, se tornam os Sem-Terra, e um dos alicerces da Pedagogia do Movimento situa-se na Pedagogia Libertadora proposta por Freire. (Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 182, maio/ago. 2007).

Bernardo Mançano Fernandes um dos maiores especialistas do Brasil em Educação do Campo destaca a dicotomia entre Educação do Campo e Educação na Reforma Agrária, no seu trabalho feito no I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo realizado em Brasília em setembro de 2005 sobre o tema:

Para iniciar este artigo, quero destacar um fato. O conceito Educação do Campo não existia há dez anos atrás. E neste evento estamos debatendo a Pesquisa e Educação do Campo. O que aconteceu nesse tempo que possibilitou a construção desta realidade? Uma parte importante desta história está registrada em teses, dissertações, livros e relatórios de pesquisa. A coleção “Por uma Educação do Campo” é uma referência importante para entender esta construção. Para compreender a origem deste conceito é necessário salientar que a Educação do Campo nasceu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um fato extremamente relevante na compreensão da história da Educação do Campo. Dessa demanda também nasceu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a Coordenação Geral de Educação do Campo. As expressões Educação na Reforma Agrária e Educação do Campo nasceram simultaneamente, são distintas e se complementam. A Educação na Reforma Agrária refere-se às políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento dos assentamentos rurais. Neste sentido, a Educação na Reforma Agrária é parte da Educação do Campo, compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento do Campo. (MAÇANO, 2005. p.8)

Sendo assim, um dos fundamentos da construção desse projeto é a compreensão da sua materialidade de origem: trabalhadores do campo que reivindicam melhores condições de vida (Molina, 2009). Em mais de quinze anos de existência, com muita persistência, e contando principalmente, com o apoio do governo Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), esse movimento vem conquistando políticas públicas e marco legal que contribuem para a regulação e legitimidade de suas práticas pedagógicas, como coloca Maria Isabel Antunes-Rocha:

Essas conquistas vêm se estruturando em torno de princípios que podem ser organizados sinteticamente em pelo menos três eixos: 1- A luta pela escola é gestada pelos sujeitos coletivos do campo, cabendo a eles o direito de decidir e realizar o projeto pedagógico apropriado aos seus interesses; 2 – A educação do campo envolve a luta pela escola, mas não restringe a ela, pois considera as diferentes dimensões da vida como espaços sócio-educativos. Sendo assim, as práticas desenvolvidas no ambiente familiar, nos movimentos sociais e sindicais, no trabalho, na igreja, no lazer e no cotidiano contribuem para a formação do sujeito; 3- A intencionalidade da educação do campo vincula-se à construção de um projeto de escola, de campo e de sociedade. Podemos buscar em Paulo Freire uma referência para organizar a prática pedagógica na escola do campo como espaço/tempo de mudança. (ANTUNES-ROCHA 2012, p.23).

No seu trabalho sobre Educação do campo Maria Isabel Antunes-Rocha, destaca ainda a prática pedagógica no campo, quando o educador enfrenta o desafio de compreender quem são, onde vivem, o que fazem e como se organizam os povos do campo, tem-se assim uma verdadeira prática pedagógica materializada num projeto político social de identidades construídas com e na relação com a terra, com o trabalho, pertencimento étnico, conforme estabelece o inciso I do paragrafo 1º do Decreto Presidencial número 7.352, de 4 de novembro de 2010 sobre as populações do campo:

[...] os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Para Maria Isabel Antunes-Rocha, as identidades do campo produzem e se reproduzem a partir do trabalho e da vivência com a terra e com a natureza, através de atividades e pelo uso de instrumentos e produtos típicos do meio rural, ressaltando a importância das experiências com a agroecologia, cooperativismo e soberania alimentar desenvolvidas pelos camponeses, no sentido de construir novos espaços territoriais, onde prevaleçam igualdade e respeito no meio rural.

Ao problematizar a dimensão do trabalho é possível estabelecer um paralelo com a posse e uso da terra no Brasil, com os modelos de agricultura e das relações de poder no campo. Um conteúdo relevante a ser tratado na escola diz respeito às formas de organização coletiva dos povos do campo. Ao longo da história esses sujeitos vêm se organizando por meio de suas lutas: por reforma agrária, direitos, condições para crianças e jovens permaneçam no campo, assistência técnica, agroecologia, educação, saúde, soberania alimentar, crédito, contra os agrotóxicos, contra a exploração do trabalho infantil, contra o trabalho escravo, uso sustentável das florestas, dos solos e das águas, participação nas discussões e decisões que dizem respeito as suas vidas.

Temos hoje, no Brasil cerca de uma centena de movimentos sociais e sindicais organizados em torno da luta pela terra e por condições para nela permanecerem. Os movimentos sociais e sindicais se organizam em instâncias locais, regionais, estaduais, e até nacionais (Antunes-Rocha 2012). Promovem seminários, congressos, marchas, ocupações e estão construindo projetos vinculados à questão ambiental e em uma perspectiva sustentável, bem como articulações em torno da luta por políticas públicas para a educação.

2- EDUCAÇÃO MULTISSERIADA E SUA PRÁTICA NO CAMPO

A Prática Pedagógica em salas multisseriadas é uma tarefa para a maioria dos Professores de hoje, uma prática pedagógica impensável, do ponto de vista do processo ensino-aprendizagem, mas infelizmente ainda há casos de comunidades rurais, atendidas por essa prática, não porque se deseja, mais porque ainda é o possível para se atender as comunidades mais distantes com núcleos populacionais menores, caso das comunidades mais afastadas, onde existem condições extremamente desfavoráveis no que diz respeito às possibilidades que as comunidades mais tradicionais maiores contam nas suas formas de organização em termos educacionais, como por exemplo, a falta de um ambiente adequado, falta de infraestrutura básica para funcionamento, falta de professores, falta de transportes, falta até mesmo de estradas, falta de número mínimo de alunos, esse critério, por exemplo, a nosso ver, nunca deveria ser observado, pois o número de alunos já é restrito nesses casos existindo apenas uma sala de aula na maioria das escolas localizadas nessas comunidades, entre outros problemas relacionados com o assunto, como aponta Medrado (2012):

As escolas do campo, como seu próprio nome diz, estão localizadas no campo em áreas afastadas dos centros urbanos, com características próprias e por motivos geográficos estas áreas possui uma menor densidade demográfica e consequentemente o número de matrícula são menores. Estes dados vêm sendo usados ao longo do tempo como meio referencial para o modelo organizacional destas escolas que recebem o nome multisseriação ou unidocente que segundo dados do INEP (2007) estão presentes em muitas regiões inclusive no nordeste. Segundo dados mais recentes, Censo Escolar de 2010 do INEP/MEC, nos revelam que somavam cerca de 93.623 turmas multisseriadas no Ensino Fundamental, no Brasil. Estes dados confirmam a existência, a dimensão e expressividade que as classes multisseriadas têm no país, distanciando-se do desaparecimento natural que alguns educadores e gestores pensaram que ia acontecer tornando esta área esquecida e silenciada. (PIZA & SENA, apud CARDODO & JACOMELI, 2010). Porém, o desaparecimento natural de qualquer instituição não existe na história. A sua permanência ou desaparecimento depende de sua função social, se necessária ou já desnecessária em determinado momento da sociedade. Por essa razão, apesar de todas as mazelas e das políticas de substituição promulgadas desde a década de 1980, as escolas multisseriadas vêm resistindo e adentraram o século XXI. (PIZA & SENA, apud CARDODO & JACOMELI, 2010, p. 268). MEDRADO (2012).

Por todos esses problemas, atualmente, o Ministério da Educação, não recomenda o funcionamento de escolas com menos de 25 alunos, sugerindo a nucleação de escolas para um melhor funcionamento, principalmente em termos de recursos para a sua manutenção. A propósito desse assunto, alguns fatores chamam a atenção, como o relacionamento

cidade/campo, mais especificamente na forma de nucleação de escolas e da forma como o campo é tratado como um espaço diferenciado do espaço urbano, como coloca Maria Isabel Antunes-Rocha:

O campo e seus sujeitos se relacionam com a cidade e seus sujeitos por vários caminhos. Historicamente essa relação vem sendo considerada na perspectiva da dicotomia, com um viés que desqualifica o campo como lugar de possibilidades. Criar condições para que a prática pedagógica possibilite a superação dessa leitura depreciativa é um desafio para o educador. Dessa forma, o deslocamento no sentido campo-cidade pela nucleação de escolas é um tema de relevância a ser abordado.

É importante considerar a articulação dos aspectos relativos ao contexto camponês no sentido de evidenciar, discutir e propor alternativas para superação das dicotomias historicamente produzidas (campo/cidade; arcaico/moderno; atraso/desenvolvimento; agricultura moderna/agricultura convencional) que colocam o campo como lugar do atraso e/ou do espaço idílico (ANTUNES-ROCHA, 2012).

Por tudo isso o campo passa a ser um espaço diferenciado e por isso deve manter sua relação com seus sujeitos e essa relação se completa com sujeitos que criam condições através da educação, portanto ainda há muitos casos em que as salas multisseriadas convivem com essas comunidades e diante das condições possíveis tais comunidades ainda permanecerão por um bom tempo nessa situação, já que as condições tendem a melhorar, embora se dê num ritmo bastante lento, principalmente quando são tratadas as questões ligadas à educação básica que apesar dos avanços vivenciados com as políticas públicas adotadas ultimamente, mesmo com a influência dos movimentos populares a exemplo do Movimento dos Sem Terra, ainda são insuficientes e não conseguem abranger todas as comunidades rurais ou do campo.

Um questionamento, qual a função da escola nas diversas sociedades, principalmente as sociedades rurais, e na vida das pessoas? Portanto, quando paramos para responder essas indagações, levamos para nosso lado intuitivo justificando que as escolas devem ensinar ler, escrever, fazer cálculos matemáticos, assim também os diversos conhecimentos que as sociedades produzem tornaram-se essenciais para a participação de qualquer pessoa no convívio sócio econômico, tendo como finalidade bons desempenhos na vida, como passar em concursos e entrar em universidades.

Com isso, parece que a escola delimita a sua função no repasse dos conhecimentos, ou seja, a escola fornece conhecimentos para os alunos e estes devem ir absorvendo ao longo dos anos para que saiam aptos para interagirem na sociedade.

Contudo, estudos como os de Arroyo (2011), Moura (2003), Zabala (1998) discordam de tal visão e dão uma dimensão bem mais ampla com relação ao papel da escola na sociedade, tendo em vista que,

[...] a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si e as demais (ZABALA, 1998, p.28).

Assim, Veiga (1989), afirma que a prática pedagógica apresenta-se como:

Uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõem a teoria-prática, e é essencialmente nosso dever como educadores a busca de condições necessárias à realização (VEIGA, 1989, p.16).

Nesse sentido, podemos afirmar que toda ação pedagógica requer uma reflexão sobre a construção do saber, na medida em que compreender o ato de ensinar não constitui em uma transferência de conhecimento, mas sim, conforme enfatiza Freire (2011, p. 24), de “criar possibilidades para a sua produção e a sua construção”.

Esse sentimento reflexivo da ação pedagógica em sala multisseriada no Campo é bastante utilizado no trabalho de Medrado (2012):

Diante desta perspectiva, a prática pedagógica deve compreender que a educação é um processo histórico e social, dando sentido a todo tipo de relação que emerge do contexto sócio/educacional a partir da interação estabelecida pelos sujeitos/momento/espço. Temos aqui o entendimento que as relações que se estabelecem no meio em que o alunado está inserido propiciará no seu desenvolvimento, na sua aprendizagem. “Para Vygotsky, tanto o desenvolvimento quanto a aprendizagem decorrem das condições sociais que o indivíduo está imerso”. (FONTANA & CRUZ, 1997, p. 71).

Por isso constatamos, ainda, em certas comunidades do campo a prática em sala multisseriada, sendo o meio possível de acesso à educação dessas comunidades para a sua manutenção e até o seu desenvolvimento no processo histórico-social.

2.1- O PAPEL PEDAGÓGICO DO PROFESSOR DO CAMPO

As especificidades pedagógicas, no meio rural de situação social dura para educandos, onde, famílias sobrevivem da agricultura de subsistência e da ajuda dos Programas Sociais do

Governo Federal, lhes restando somente o básico, mostra a importância do trabalho do professor, nos dias atuais.

Através de alguém que tem uma missão extraordinária em estabelecer essa relação de convivência no campo, o professor de escola com sala multisseriada, passa a ter nesse caso, uma importância fundamental para as vidas dessas pessoas, pois devido às dificuldades, elas só podem contar que esse profissional para ajudá-las no processo de ensino e aprendizagem, pois estão em condições de extrema desvantagem em comparação com aquelas que podem se deslocar para as escolas maiores localizadas em comunidades um pouco mais equipadas ou na cidade, pelo menos em tese, já que a prática pedagógica em sala multisseriada é bastante difícil e complicada, pois o professor tem que atender a todos, com faixas etárias diferentes e em anos ou séries diferentes e num só ambiente não tendo como separar fisicamente os alunos por série ou turma.

Afora as dificuldades em se trabalhar os conteúdos diferenciados de todas as séries que deverão ser ministrados em um só período de tempo e todos em uma única sala, com isso a educação em sala multisseriada tem que atender, por exemplo, alunos do pré-escolar, que têm entre quatro e cinco anos e suas necessidades típicas de crianças ainda em estágio de compreensão e percepção inicial de mundo das brincadeiras, nisso o profissional tem que trabalhar esse lado psicológico dessas crianças. Os alunos de primeiro ano que têm entre seis e sete anos já começam a associar as letras formarem e conhecerem as primeiras palavras, no caso, da sala de Francisco Lima, eles já leem e escrevem de forma satisfatória, os alunos de segundo ano, que normalmente contam com idades entre sete e oito anos, já estão num estágio um pouco mais elevado, e trabalham textos específicos, como o uso adequado da água no cotidiano dessas sociedades, fato verificado em uma das nossas visitas a escola em dia de aula normal, e sem prévio aviso de nossa parte. Haja trabalho, sem contar, com as inquietações características desse faixa etária, que são tratadas com uma paciência de quem realmente tem dedicação naquilo que se propõe, fazendo com que as dificuldades passem a ser melhor administradas, ou compreendidas quando do contato com os alunos, a partir do terceiro ano, os alunos estavam todos envolvidos em uma redação, também, sobre o tema da problemática da água, de uma maneira mais complexa, pois Francisco Lima tem uma concepção que os seus alunos devem chegar na segunda fase do Ensino Fundamental “dando de conta de uma boa redação e também fazendo todas as operações matemáticas”, pois segundo ele, vão para uma outra escola de um nível mais elevado e precisam chegar bem na etapa seguinte.

Ainda neste contexto, destacamos:

[...] torna-se de fundamental importância refletir o papel do/a educador/a tendo em vista que a partir da sua concepção de mundo o/a mesmo/a pode desenvolver atividades que forme cidadãos emancipados (o que requer do mesmo bem mais que trabalhar os conhecimentos disciplinares) ou até mesmo interferir negativamente sobre a identidade de um povo. Estas situações exigem reflexão quanto à postura e a prática pedagógica a ser desencadeada pelo professor, diante das questões sociais que circundam o meio escolar tornando essencial relacionar questões teóricas com as práticas. (MEDRADO 2012).

Portanto, a prática pedagógica em sala multisseriada, ainda requer do Professor do Campo muito mais do que se imagina:

O estudo intitulado *Professoras Bem-sucedidas: saberes e práticas significativas*, Mendes (2008) que procede a um estudo sobre práticas docentes consideradas bem sucedidas (a autora baseia-se nos estudos de Terezinha Rios para definir o que é um professor competente), conclui que “professor bem-sucedido é um professor competente” e sintetiza as dimensões de competências presentes em professores pedagogicamente exitosos.

A partir da pesquisa e da definição que Rios (2002) faz sobre competência pedagógica, Mendes (2008) conclui que o professor bem sucedido é aquele que articula as competências por quatro dimensões, a saber: a) **técnicas**, a qual diz respeito ao domínio do conteúdo, dos saberes e habilidades; b) **política**, que define a postura crítica nas relações sociais, perpassa a função do ensinar conteúdo, a interagir no mundo; c) **ética**, a que media a técnica e a política dando uma dimensão reflexiva da atuação do indivíduo em sociedade; e d) **estética**, relacionada à sensibilidade no ato educativo.

Assim, com base na pesquisa de Mendes (2008) faz-se necessário ter consciência e clareza das quatro competências acima abordadas na atuação docente, pois, Docente *bem-sucedido* é aquele que professor que articula as dimensões técnica, política, ética e estética na atividade docente. Ser competente não significa apenas dominar os conceitos de sua disciplina, ser criativo e comprometido, é necessário que reflita criticamente sobre valor do que, para que, por que e para quem ensinar, visando à inserção criativa na sociedade, a construção do bem-estar coletivo e direcionar sua ação para uma vida digna e solidária. (MENDES, 2008, p.04)

As dimensões que compõem o termo competência se efetiva no dia a dia do professor, na ação pedagógica que se desenvolve numa proporção própria do espaço e dos sujeitos que compõem o mesmo. No entanto, Mendes, apud Rios (2002) nos alerta que não há lista de competências que atenda toda complexidade da formação e prática do educador. (MEDRADO 2012).

Para quem não está vivenciando essa experiência não imagina ou não tem noção de como é uma tarefa bastante difícil de enfrentar, devido à sua complexidade e diversidade, em termos de aprendizagem com turma multisseriada de uma comunidade rural distante e carente de vários equipamentos necessários à melhoria das suas condições de vida, ainda é esse o meio possível para que isso se efetive na prática educacional dessa comunidade com esse formato através da Educação do Campo.

3- AMBIENTE ESCOLAR NO CAMPO: PRÁTICA SIMPLES FAZ DIFERENÇA

3.1- DIÁRIO DE PESQUISA

Despertei interesse pelo assunto Educação do Campo, quando discutíamos as teorias sobre o tema nas aulas do módulo: Concepção e Fundamentos da Educação do Campo com a Professora Janine Dias, onde os debates eram sempre acalorados, principalmente quando da exposição sobre Reforma Agrária no Brasil e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Pensei primeiro em desenvolver alguma coisa relacionada ao assentamento feito pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), no perímetro irrigado de São Gonçalo, no município de Sousa-PB, onde se tem uma experiência de um programa de reforma agrária governamental oficial. Cheguei até visitar as áreas irrigadas e o açude ali construído.

No entanto, mudei meu pensamento lembrando uma das visitas técnicas, que fiz como membro do CME (Conselho Municipal de Educação), às escolas da zona rural do município de Cajazeiras, especificamente, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental João Francisco de Souza, na comunidade do Sítio Bé, que tinha feito no dia 08 (oito) de abril do ano 2013. Nessa visita constatei de maneira prática que o trabalho realizado por Francisco Lima da Silva era simplesmente excepcional, diante das mínimas condições que ele dispunha na sua escola.

Comecei então a perceber que seria uma ótima possibilidade escrever sobre sua prática na zona rural em sala multisserriada. Enquanto pensava nessa possibilidade de escrever sobre a prática de Francisco Lima, também me fez recordar de vários alunos que eu tive na época que lecionava na Escola de Ensino Fundamental José Tabosa Rodrigues que funcionava nas dependências do CAIC de Cajazeiras, aonde vários alunos vinham da zona rural, inclusive da comunidade do Sítio Bé, e foi lá que lecionei, numa das melhores turmas de ensino fundamental da minha vida profissional em termos de aproveitamento e de comportamento, ou seja, uma daquelas turmas que ficam marcadas na nossa lembrança e que dificilmente esquecemos aqueles momentos que valem realmente a pena acreditar na nossa carreira de educadores em escolas públicas.

A partir do dia 11(onze) de junho de 2013, com mais uma visita a sua escola, finalmente decidi escrever sobre a prática de Francisco Lima com sua turma multisserriada, que tinha 22(vinte e dois) alunos no ano de 2013, divididos em duas turmas, sendo 11(onze) alunos em cada turno, divididos em: 09 (nove) alunos de pré-escolar, 01 (um) aluno de primeiro ano,

01 (um) aluno de segundo ano, 01 (um) aluno de terceiro ano, 03 (três) de quarto ano, e 07 (sete) alunos de quinto ano, ou seja, ele trabalhava com dobra de carga horária e conseguiu obter os melhores resultados dentre as escolas do campo no município de Cajazeiras, aliás, anualmente ele sempre conseguiu ficar entre os melhores resultados em termos estatísticos e de rendimento anual com sua escola de sala multisseriada do campo.

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental João Francisco de Souza está a 17 (dezessete) quilômetros da sede do município de Cajazeiras, seu acesso é através da rodovia PB-400, no primeiro trecho, no segundo trecho a via de acesso é pela estrada de terra através da comunidade vizinha, Sítio Riacho do Meio, sua localização é na comunidade do Sítio Bé, com os limites das comunidades Matuto, Cabeça da Onça, Bodes e Rudado, todas no município de Cajazeiras. A escola conta com uma sala de aula de 48 (quarenta e oito) metros quadrados, equipada adequadamente com carteiras para os alunos maiores, carteiras para alunos menores e mesinhas para os alunos do pré-escolar, um banheiro masculino, um banheiro feminino, uma cozinha, uma dispensa, uma sala pequena usada para o laboratório de informática (contando com um computador e quatro monitores, essa divisão é feita pela empresa Positivo que atualmente fornece esses equipamentos para o MEC, através do PROINFO), que se encontra no momento sem funcionamento, até a nossa última visita em 29 de abril de 2014, devido a problemas na rede elétrica e a falta de uma conexão com a internet. A escola conta com uma parte externa em alpendre que serve para o tempo de recreio dos alunos. Conta também com uma cisterna de quarenta mil litros de água para o seu abastecimento que é feito através de carro pipa.

Numa visita feita a Francisco Lima em 06 de fevereiro de 2014, na sua residência quando gravamos um vídeo com suas experiências práticas em sala de aula, ele estava cansado, pois havia passado o dia quase inteiro plantando sua roça com seus dois filhos e esposa como tinha chovido bem no dia anterior ele não perdeu tempo, mesmo com todo o cansaço ele me atendeu e ainda me convidou para visitar sua casa e escola nos finais de semana, pois segundo ele no final de semana principalmente no domingo, tinha mais tempo para conversar e mostrar suas práticas pedagógicas.

Em outra visita feita no dia 28 de abril de 2014, chegamos por volta das dez horas da manhã, constatamos mais uma vez a segunda atividade prática de Francisco Lima (como ele mesmo diz que antes de tudo é um agricultor e não troca o campo pela cidade), ele simplesmente estava chegando da sua roça com uma trouxa de feijão maduro, ou seja, feijão ainda na vargem, que tinha colhido naquela manhã, pois já havia combinado com a secretaria municipal de educação a transferência das aulas para o turno da tarde, no início do ano letivo de

2014 as aulas aconteciam no turno da manhã, e estava aproveitando o horário matinal para sua prática na agricultura, nesse dia estava bastante nublado com perspectiva de chuva e o feijão estava ficando maduro e rapidamente precisava ser colhido para não correr o risco de apodrecer na roça depois das chuvas.

Na visita de 29 de abril de 2014, chegamos à tarde, por volta das 14 horas, dessa vez fazendo uma surpresa, constatamos na prática uma aula com sua turma multisseriada, coincidentemente o tema que Francisco Lima abordava era a problemática da água, onde o título do texto apresentado era: "água: conscientizar e não desperdiçar", mostrando a importância do uso com a água para os alunos, onde eles liam em voz alta, depois ele deu exemplos próximos de sua comunidade que enfrentou no ano passado uma escassez de água e comparou com o período chuvoso que eles estavam vivendo, lembrou muito dos exemplos de desperdícios, citando inclusive, o carro pipa do ano passado que teve muita dificuldade em chegar as comunidades mais distantes.

Passado um ano de nosso acompanhamento Francisco Lima continua com a mesma determinação do ano anterior, quando comecei a escrever sobre sua prática, aliás, ele demonstra uma determinação maior ainda, pois já são trinta e dois anos em sala de aula com turma multisseriada e os resultados sempre foram satisfatórios, a conclusão que se chega: é que a cada ano que passa ele melhora ainda mais o seu desempenho como docente e tem sua prática cada vez mais aprimorada e adequada para as condições peculiares dessas comunidades rurais, ou seja, ele se mostra até melhor que antes quando não tinha todo esse tempo de exercício profissional.

O comprometimento de Francisco Lima é tão grande que leva seus filhos para ajudar a manter ordem na sala de aula, depois de feita à separação entre os alunos de anos ou séries diferentes por filas nas carteiras, cada grupo fica na sua posição, há também o auxílio durante a aula nas tarefas dos alunos do pré-escolar que é feito por sua filha, outro exemplo de organização é visto enquanto os menores merendam com a supervisão do seu filho, os maiores ficam ocupados com algumas tarefas, só depois que os menores voltam à sala é que eles são liberados para o recreio.

A escola conta nesse ano de 2014 com: 19 (dezenove) alunos matriculados e frequentando as aulas na sua totalidade, e estão divididos em: 08 (oito) alunos do pré-escolar, 05 (cinco) alunos do primeiro ano, 01 (um) aluno de segundo ano, 01 (um) aluno de terceiro ano, 01 (um) aluno de quarto ano e 03 (três) alunos de quinto ano.

Para nós professores que às vezes não temos conhecimento ou não vemos quanto é grande a nossa força perante os nossos alunos, Francisco Lima mostra isso todos os anos, com

o seu exemplo simples de humildade, de amor, e dedicação à profissão Professor com um comprometimento cada vez maior a prática educacional no campo.

3.2- ESCOLA DE CAMPO: REALIDADES

É um desafio permanente do nosso profissional Professor e educador manter uma escola em constante diálogo com a realidade concreta dos indivíduos dessa localidade ensinando-os a trilhar na luta pela sobrevivência, inclusive o próprio Professor Francisco Lima é também um agricultor na prática, pois mantém até hoje o hábito de plantar todos os anos culturas de subsistência, fato que tive o prazer de constatar nas minhas visitas a sua localidade nos meses de fevereiro e abril deste ano de 2014.

Francisco Lima faz também todo o trabalho administrativo da escola, pois a mesma só conta com uma auxiliar de serviço, sua própria esposa, que ajuda nas tarefas de limpeza e merenda dos alunos, é como se a escola fosse uma extensão da sua casa, devido o zelo que ele tem e principalmente, o cuidado no tratamento com os seus alunos.

Um fato de grande relevância é sua residência localizada a menos de um quilômetro da escola e dotada de uma infraestrutura privilegiada, inclusive com água de ótima qualidade proveniente de um poço profundo, ajudando na convivência com as estiagens que eventualmente tem se verificado em todas essas comunidades e suas adjacências.

As residências nessas comunidades (além do Sítio Bé são atendidas crianças dos sítios: Rudado, Matuto Bodes e Cabeça da Onça), guardam entre si uma distância considerável, onde quase todos os alunos precisam de transportes para se deslocar até a escola. Constatamos esse fato conforme nossas visitas à comunidade escolar em depoimento do próprio Francisco Lima:

Eu sou Francisco Lima leciono na escola do campo, na escola João Francisco de Sousa, localizado no Sítio Bé, trabalho com multisseriado, alunos de quatro até os quatorze anos de idade, tudo junto na mesma classe, e para trabalhar com esses alunos para que a gente tenha assim um bom aproveitamento, na busca do saber é preciso que tenha muito planejamento, tanto na escola, como em casa para que o aluno seja bem atendido e que não saia da escola sem nenhuma assistência do professor.

Merece destaque também o uso da escola como uma instituição agregadora na manutenção dos costumes dessas comunidades, já que os seus alunos estão distantes dos seus familiares durante as aulas e o Professor atua como um protetor de crianças, assumindo um importante papel ou importantes papeis na vida desses estudantes da zona rural, como ele próprio relata:

Quando a gente assumi uma turma do multisseriado, na minha situação distante da cidade, a gente é um pouco de tudo, é professor, é palhaço, é médico, de tudo a gente faz um pouco, é muito desafio, para se trabalhar uma turma com alunos de quatro anos no meio dessa turma com idade mais avançada de nove, doze e até quatorze anos é preciso que a gente desenvolva muitas oficinas como, cantigas de rodas, muitas dinâmicas para que esse tempo seja mais proveitoso ocupando cada turma e quando a gente venha a encerrar o expediente tenha segurança que aquele aluno foi bem assistido em sala e tenha algo novo para contar em casa aos seus pais e familiares.

Em termos de quantitativo dos recursos humanos nas escolas do campo por região em relação às escolas da zona urbana, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), possui um levantamento que se mostra bastante interessante, do ponto de vista, do funcionamento real dessas escolas:

Pode-se dizer, de modo geral, que há carência de recursos humanos nas escolas do campo se comparados com as escolas urbanas. Assim é que 33% das escolas não contam com nenhum profissional operacional (cozinha, merenda, limpeza, zeladoria etc.) e 60,2% não contam com pessoal de gestão (diretoria, secretaria, administração ou inspeção). Em todas as regiões verifica-se carência de pessoal nas escolas do campo. A região Norte é a que se encontra em pior situação: 47% e 78% das escolas não contam, respectivamente, com pessoal operacional e de gestão. No Nordeste, a situação mais crítica relaciona-se com a falta de profissionais de gestão: 57% das escolas não contam com diretoria, secretaria, administração ou inspeção. Mesmo em regiões mais desenvolvidas, há carência de administradores escolares: 42,4% e 46,3% das escolas do campo das regiões Sudeste e Sul não contam com esses profissionais. Considerando o universo de 8.679 escolas pesquisadas, o levantamento efetuado indicou a existência de 61.769 profissionais de educação trabalhando nessas escolas, envolvendo tanto docentes em sala de aula, quanto pessoal operacional (zeladoria, limpeza, cozinha, etc.) e de gestão (diretoria, secretaria, administração e inspeção). Isso equivale a uma média de 7 profissionais por escola. Existe, contudo, uma elevada variância, onde muitas escolas contam apenas com uma pessoa: o professor. (MEC/INEP - 2011).

Como se nota, há nessa avaliação, uma deficiência de pessoal técnico-administrativo bem maior que pessoal docente nas escolas do campo, conclui-se de uma maneira simplista da realidade, que o profissional Professor tem uma importância fundamental na vida escolar dessas comunidades rurais, seja qual for a região brasileira, seja qual for o município, pois ele se torna nessa situação uma espécie de responsável direto pela condução da prática pedagógica-educacional nesse contexto de realidades, infelizmente, vivenciadas no nosso sistema educacional.

A distribuição dos profissionais da educação das escolas do campo segundo as diferentes regiões geográficas é dada pela tabela a seguir:

Tabela 1 - Distribuição dos recursos humanos nas escolas do campo

Regiões	% de Docente	% de Pessoal operacional	% de Pessoal de gestão	Média de Pessoas por escola	% de Pessoas por região	% de Escolas por região
Norte	62,8	26,0	11,2	4,8	18,6	27,8
Nordeste	60,5	27,2	12,3	7,1	48,6	48,7
Centro-Oeste	61,0	23,4	15,6	8,6	13,1	10,8
Sul	64,4	19,5	16,1	9,8	9,9	7,2
Sudeste	62,5	22,7	14,8	12,8	9,8	5,5
Brasil	61,6	25,3	13,1	7,1	100,0	100,0

Fonte: MEC/INEP- 2011.

A tabela a seguir mostra a quantidade de escolas do campo fechadas no período de 2000 a 2009, segundo o censo escolar, o número é bastante elevado, mas infelizmente não encontramos os números relacionados ao estado da Paraíba. Por esses dados, nota-se de acordo com os números, a gravidade e preocupação do problema para o sistema educacional de ensino básico, principalmente, naqueles municípios menores, dá para perceber uma realidade bastante difícil do ponto de vista do atendimento das comunidades rurais, gerando nessas comunidades mais problemas, onde já se encontram grandes necessidades sociais a serem resolvidas, causando grande incerteza quanto ao atendimento escolar mínimo que essas comunidades receberão ou não num futuro bem próximo.

Tabela 2 - Escolas do campo fechadas (2000 a 2011)

Rondônia	70,14 %
Goiás	66,01 %
Tocantins	57,64 %
Ceará	54,64 %
Mato Grosso	47,67 %
Espírito Santo	45,28 %
Paraná	47,98 %
Paraíba	% não encontrada

Fonte: Censo Escolar 2000 e 2011

Os dados a seguir, demonstram a importância da profissão Professor em espaços rurais de comunidades mais afastadas e são do resumo do quadro de aproveitamento do aluno do

ensino fundamental do município de Cajazeiras, são referentes aos alunos do 2º ao 5º ano, do ano letivo de 2013, no quadro, não constam os dados dos alunos dos anos iniciais, pois de acordo com a legislação específica (LDB), não tem reprovação nesses anos. Os dados confirmam o bom desempenho e aproveitamento dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental João Francisco de Souza, através da prática pedagógica do Professor Francisco Lima da Silva com sua sala multisseriada, onde destacamos estatisticamente os rendimentos dos seus alunos em relação com as outras escolas do campo.

Tabela 3 – Resumo do quadro de aproveitamento do aluno de 2º a 5º ano do ensino fundamental ano letivo 2013 no município de Cajazeiras, PB.

(TE= TRANSFERÊNCIA EXPEDIDA EV= EVASÃO AP=APROVADO
RE=REPROVADO)

O R D E M	ZONA RURA L	ENSINO FUNDAMENTAL DE 2º A 5º																			
		CENSO (MAT. INICIAL) + PÓS-CENSO				2º ANO				3º ANO				4º ANO				5º ANO			
		ANOS				TE	EV	AP	RE	TE	EV	AP	RE	T.E	EV.	AP	RE	T.E	EV.	AP.	RE
		2º	3º	4º	5º																
1	EMEIEF ANTONIO DE SOUZA DIAS	52	41	35	40	02	-	45	05	01	-	35	05	01	3	27	04	01	1	36	02
2	EMEIEF AUGUSTO B. DE SOUSA	20	22	20	13	02	-	18	-	02	01	18	01	-	-	19	01	-	-	13	-
3	EMEIEF CAROLINO DE SOUZA NETO	10	20	21	20	-	-	07	03	01	-	12	07	02	-	15	04	-	02	14	04
4	EMEIEF JOSÉ ANTONIO DIAS	27	26	20	22	02	-	25	-	-	01	23	02	-	02	14	04	03	01	08	10

5	EMEIEF JOSÉ MARTIN S DE OLIVEIR A	26	21	20	31	01	01	20	04	-	-	16	05	-	-	14	06	-	-	24	07
6	EMEIEF MANOE L GONÇAL VES DA SILVA	26	22	26	27	-	-	19	07	01	-	21	-	-	-	26	-	01	01	20	05
7	EMEIEF FRANCI SCO A. DE ALBUQU ERQ.	07	03	03	01	02	01	03	01	01	-	01	01	01	-	02	-	-	-	01	-
8	EMEIEF GABRIE L LUCIND O PEREIR A	10	13	03	06	-	01	08	01	-	-	13	-	-	-	03	-	-	-	06	-
9	EMEIEF IRMÃ NIRVAN DA L. ROLIM	14	11	03	03	03	-	10	01	01	-	10	-	-	-	03	-	01	-	02	-
10	EMEIEF JOÃO FRANCI SCO DE SOUZA	01	01	03	07	-	-	01	-	-	-	01	-	-	-	03	-	-	-	07	-
11	EMEIEF JOSÉ ANTONI O DO NASCIM ENTO	03	02	06	-	-	-	01	02	-	-	01	01	-	-	05	01	-	-	-	-
12	EMEIEF JOSÉ DANIEL DE SOUSA	02	05	02	02	-	-	01	01	-	-	05	-	-	-	02	-	-	-	2	-

1 3	EMEIEF JOSÉ MANOEL PEREIRA DA COSTA	05	01	02	01	-	-	05	-	-	-	01	-	-	-	02	-	-	-	01	-
1 4	EMEIEF TRAJANO BORGES	06	04	04	-	-	01	04	01	-	-	04	-	-	-	04	-	-	-	-	-
1 5	EMEIEF VITAL ALVES DE FREITAS	07	07	04	03	-	-	05	02	-	-	06	01	-	-	04	-	-	-	03	-
	TOTAL	2	2	1	1	12	4	1	28	8	2	1	25	4	5	1	21	8	5	1	28
		2	0	7	8			7			7					4				4	
		0	9	8	3			6			4					8				2	
	%	790				5	2%	86	14	4	1	87	13	2	3	88	12	4	3	84	16
						%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Cajazeiras (adaptado).

Em síntese, o quadro nos mostra uma comparação bastante proveitosa do desempenho dos alunos da Escola de Ensino Infantil e Fundamental João Francisco de Souza das demais escolas, com uma aprovação de cem por cento dos alunos matriculados, nenhum caso de evasão escolar, nenhuma transferência para outra unidade escolar, isso mostra a confiança das comunidades atendidas no trabalho do professor Francisco Lima da Silva e da própria Secretaria Municipal de Educação do município de Cajazeiras, que mantém a escola em funcionamento, uma vez que nesse ano letivo de 2014, nucleou aquelas escolas com um baixo número de matrículas.

Com relação aos dados dos alunos dos anos iniciais o aproveitamento e desempenho também são considerados ótimos pela secretaria municipal e estão bem acima em se comparando com outras escolas do campo e até mesmo de várias outras escolas da zona urbana de Cajazeiras.

Os dados referentes aos anos anteriores sempre estiveram entre os melhores do município comprovamos esse fato com a supervisão da secretaria de educação.

4. A CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA

Sua prática pedagógica simples se caracteriza por uma forma de ensinar baseada em textos simples, baseado no cotidiano, que o aluno é levado, desde seu primeiro ano na escola, a entender o seu papel numa educação básica, através da Educação do Campo, para desenvolver-se como um ser social, que tem uma ação ativa e não passiva na sociedade que vive e isso identificamos com Francisco Lima, quando diz:

O método que eu uso é sempre na escolha de um texto no qual eu possa trabalhar com todos os alunos explorando de acordo com a necessidade de cada turma pelo ano pela série que ele está, dessa maneira, eu consigo ver um bom resultado sempre acompanhando e cobrando da família e assim a gente consegue ver esse aluno que entrou com quatro anos e que não sabia nem segurar no lápis, ele consegue sair no final do ano lendo escrevendo e contando, mesmo com todo esse sufoco que a gente passa, distante de um apoio de alguém da secretaria, de um ajudante na classe no momento com o professor.

Libâneo (1990) afirma que: "a assimilação ou apropriação de conhecimentos e habilidades adquire importância e sentido se proporciona o domínio ativo e prático de modos de atuação crítica e criativa na vida, na profissão, no exercício da cidadania. Para que ocorra a assimilação crítica dos conteúdos, é necessário fazer-se a ligação destes com as experiências vividas pelos alunos na sua prática social.

O Professor Francisco Lima mantém uma grande dedicação sobre sua turma multisseriada demonstrando toda sua capacidade de planejamento e organização dos conteúdos ministrados, conforme o relato a seguir:

A turminha do pré tem um caderno volante de atividades pra casa que todo dia é trocado por outro com outras tarefas diferentes. O aluno de terceiro ano eu peço um texto diferente daquele que ele já tenha visto na sala anteriormente, ou seja, mais aprofundado. Com os alunos do quinto ano exigimos um trabalho mais aprofundado, pois minha preocupação é que esses alunos saiam no final do ano para as escolas maiores como a escola do Sítio Cocos ou Cajazeiras e que eles cheguem lá lendo, escrevendo e dando conta de uma boa redação.

Que concepção pedagógica está presente na prática docente de Francisco Lima? Sua prática pedagógica aproxima-se da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, sendo possível identificar os fundamentos desta concepção nas palavras e na sua prática.

[...] quando se submete os conteúdos ao crivo da realidade, estamos tratando da dimensão crítico-social dos conteúdos. É uma metodologia de estudo e interpretação dos objetivos do conhecimento como produtos da atividade

humana e a serviço da prática social. Os conteúdos são apreendidos, estudados na sua transformação, no seu desenvolvimento, isto é, na sua historicidade. LIBÂNEO (1994).

Constitui-se elemento permanente no desenvolvimento e replanejamento das atividades educativas com características sempre intencionais. Assim, Francisco Lima ilustra esta forma de desenvolver suas aulas:

Todos os dias quando entro na sala de aula, nessa minha rotina de trabalho, eu já entro com trabalhos, assim, especificados para todas as turmas para que eu possa ter assim, tanto professor/aluno como aluno/professor, uma boa conversa, a gente tem muitos diálogos com os alunos durante o expediente, muitas vezes até depois do horário quando a gente sente aquela necessidade, às vezes vinte ou trinta minutos converso com eles, como tenho alunos de quatro comunidades a gente sente aquela ausência muitas vezes dos pais em casa que não dão aquela assistência que a criança necessita e eu quero fazer aquilo que não aconteceu na casa dos pais e eu tento dar aquela atenção que eles não tiveram eu tento dar na escola a esse aluno e ver que eles foram bem assistidos e possa fazer a sua tarefinha, esse é o procedimento na minha escola no dia a dia mesmo distante da cidade, mas eu busco outras fontes de trabalho outras fontes de um argumento novo que eu possa desenvolver com eles na sala de aula através de jornais revistas e materiais que a gente possa sentir no concreto mesmo que a gente possa pegar, possa sentir isso se torna bem mais fácil dos alunos terem aquela compreensão quando ele pega aquele material e vemos que eles são bem assistidos durante aquela oficina de trabalho eles tem bem mais chance de desenvolver e de aprender mais rápido do que só com o livro didático em mãos.

Francisco Lima tem hoje Pós Graduação, obtida recentemente, com sua especialização em Educação conseguida com muito esforço, pois as aulas eram realizadas aos sábados. Depois de muitos anos de trabalho, pois até bem pouco tempo atrás era apenas professor regente de ensino (certificado pelo antigo curso do LOGOS II), curso de nível médio que dava direito a alfabetizar pessoas, equivalente hoje ao curso de nível médio Pedagógico ou Normal, Francisco Lima já havia conseguido terminar o curso Normal Superior, também recentemente, ou seja, ele chegou a uma especialização depois de quase trinta anos de serviço, e sempre está em alguma atividade de qualificação ou capacitação de forma continuada na sua prática docente.

A gente tem também uma vez a cada quinze dias encontros com o pessoal da secretaria na formação continuada para professores e tem todo o envolvimento com outros colegas a gente vai trocando experiências com os colegas de outras escolas e essas experiências a gente vai aproveitando e trazendo para a nossa sala de aula e coloca para nossos alunos.

Tomamos emprestado um trecho do trabalho, "Uma Prática Docente Diferenciada no Ensino Superior", de Adriana Cristine Dias Locatelli, Cleusa Erilene dos Santos Cacione e

Neusi Aparecida Navas Berbel, do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, onde destaca um Professor de Música, reconhecido pelo seu trabalho, para ilustrar o trabalho do Professor Francisco Lima com sua turma multisseriada no campo, embora, reconhecendo a diferença de níveis e condições dos dois Professores, seque o trecho: Luckesi (1987 p.11) propõe aos docentes uma "práxis transformadora", que consiste em dar ao ser humano, condição para que ele realize da melhor forma possível sua característica de ser um sujeito ativo, isto é, a efetivação de sua "vocação de agir conscientemente em função de fins explícitos e ciente do modo mais adequado de obtê-los". Entendemos, aqui, o ser humano como transformador da realidade em que vive, e a "práxis" dando-lhe esta oportunidade.

Grillo (1993) define ensino de qualidade:

Como um processo que considera o saber vinculado indissolavelmente ao fazer, assimilado, construído ou reconstruído pelo aluno, sob a mediação do professor, através de vivências de situações pedagógicas contextualizadas que estimulam a participação, a criatividade do aluno. Isso exige conhecimento da realidade e supõe a possibilidade de transformá-la, com base em pesquisas que venham a se constituir numa nova produção, num novo saber. GRILLO (1993).

Francisco Lima da Silva comentou com suas próprias palavras o que espera enquanto educador, ou seja, que sua ação dê ao aluno a condição de ser autônomo em vários aspectos da sua vida educacional, deixando claro este objetivo na sua prática docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, temos a consciência que o objetivo desse trabalho é despertar uma maior reflexão sobre a importância da profissão Professor, pois a prática do professor Francisco Lima da Silva, diferencia-se muito da maioria dos que conhecemos, e encontra-se fundamentado em uma concepção pedagógica simples, mas com resultados bastante relevantes em termos práticos. Sua divulgação se justifica como um estímulo a ações pedagógicas semelhantes, ou não, que são desenvolvidas no meio educacional.

Resolvemos incluir alguns relatos ou comentários de Professores que conhecem o trabalho de Francisco Lima começando por José Odailton Dantas do município vizinho de Cachoeira dos Índios:

Odailton relata que tem um aluno que estudou com o Professor Francisco Lima, o que surpreende é o fato do Professor dizer que tem um ex-aluno de Francisco do Sítio Bé, pois se trata de um ótimo aluno e ele diz com todas as letras que o aluno se destaca justamente porque foi aluno do Professor Francisco Lima, pois a sua prática pedagógica é bastante eficiente e que todos os colegas do município de Cachoeira dos Índios já têm conhecimento do seu trabalho.

Francisca Freire professora do Ensino Fundamental no município de Cajazeiras também conhecedora do trabalho de Francisco Lima da Silva:

Podemos descrever o professor Francisco como um cidadão cumpridor dos seus deveres e conhecedor dos direitos que lhe assiste. Como professor, ele é extraordinário, dinâmico, tem uma desenvoltura magnífica, uma vez que com as suas metodologias consegue prender a atenção do educando e desenvolver um ensino e aprendizagem brilhante junto aos seus alunos. O processo didático-pedagógico é sinônimo de magia, já que consegue administrar os conteúdos satisfatoriamente e de maneira que os educandos compreendem e desejam apreender cada vez mais. Tem uma vasta experiência com a missão de ensinar e o seu relacionamento para com os alunos é algo que ocorre de forma simples e humilde.

Nas palavras de Vanderlucia Feitosa Alencar, Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal Educação de Cajazeiras:

O Professor Francisco Lima é altamente organizado em suas atividades pedagógicas e nunca atrasa na entrega dos seus relatórios, já que ele faz as funções de diretor e secretário da escola e frequenta sempre a secretaria municipal de educação em busca de novidades para sua escola. Os dados estatísticos estão sempre entre os melhores das escolas do campo do município de Cajazeiras.

Francisca Marli Moreira da Silva, pedagoga do município de Cajazeiras com mais de vinte e cinco anos de atividade diz:

A educação realizada na escola do campo requer de quem o faz compromisso, responsabilidade, sabedoria e acima de tudo amor pelo processo de ensino e aprendizagem.

Falar do professor Francisco Lima que tem ensinado na escola do campo em turma multisseriada é falar do compromisso ético, moral, social, cultural e educacional que ele tem em fazer a diferença metodológica e pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes que buscam a escola do "mestre" no intuito de aprender a ler, escrever e contar para seguir em frente nas etapas de continuação do conhecimento.

O professor Francisco Lima tem desenvolvido sua prática pedagógica com muito entusiasmo e motivação, em prol da aprendizagem significativa dos seus alunos, mesmo trabalhando atividades diferenciadas para atender os níveis de ensino que estão na escola do campo.

Portanto, quero parabenizar o professor pelo seu magnífico trabalho na escola do campo, quando este participa de todas as formações que são desenvolvidas pela secretaria do município de Cajazeiras e as informações e a continuação do conhecimento são levados pelo professor para os seus na perspectiva de ampliar o universo do conhecimento desenvolvendo assim, uma educação de qualidade pautada no respeito, na valorização e na produção do conhecimento.

Gostaria de deixar aqui minha alegria de ter feito um trabalho, apesar de simples, mas de uma importância enorme na minha vida de educador, pois com um exemplo tão humilde, Francisco Lima da Silva faz com que sua prática educacional seja digna de elogios por parte de todos nós profissionais: Professores.

6. REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Clésio Acilino; LUCENI, Marizete. **Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação**. In: Cadernos Cedes, Campinas, Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 21. ago. 2013.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Da Cor da terra: representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ARROYO, Miguel G. Apresentação. In: CALDART, R.S. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ, 2011.

CALDART, R.S. **A escola do campo em movimento**. In: ARROYO, M.G.; CALDART, R.; MOLINA, C.M. (Org). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDOSO, Maria Angélica Cardoso; JACOMELI, Maria Regina Martins. **Estado da arte acerca das escolas multisseriadas**. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p.174-193, maio, 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educação do campo](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20campo)>. Acesso em: 22 ago. 2013.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo, Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. SP: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

GRILLO, Marlene C. **Qualidade o ensino superior – Estudo do Referencial Pedagógico do professor**. 16ª Reunião anual da ANPEd, 1993

LEITE, S.C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Notas de aula sobre fundamentos Teórico- Metodológicos da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação Educacional escolar: Para além do autotitarismo.** ANDE, São Paulo: 1986.

MEDRADO, Carlos Henrique de S. **Reflexões em Torno da Prática Pedagógica de Professores de Classes Multisseriadas do Município de Jiquiriçá_BA.** ENTRELAÇANDO-Revista Eletrônica de Culturas e Educação São Paulo, n.7, vol.2, p. 133-148, set-dez. 2012.

MENDES, Maria Celeste de Jesus. **Professoras bem-sucedidas saberes e práticas significativas.** In: **31ª Reunião Anual da AMPED.** Caxambu-MG, 2008.

INEP/MEC – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar 2011.

Mec LDB 9394/96

LOCATELLI, Adriana Cristine Dias; CACIONE; Cleusa Erilene dos Santos; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Uma Prática Docente Diferenciada no Ensino Superior.** Tese (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **As experiências disputam a vez no conhecimento.** In. ARROYO, Miguel G. **Currículo: território em disputa.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, pp.115-123.

VEIGA, Ilma Passos A. **A prática pedagógica do professor de Didática.** Campinas, SP: Papirus, 1989.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed,1998.

ANEXOS

(REGISTROS DA PESQUISA DE CAMPO)



Foto1: Prof. Francisco Lima em atividade na E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



Foto2: Atividades culturais da E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



Foto3: 1º acesso a escola PB-400(10km) E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



Foto4: 2º acesso estrada de terra (7km) E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



Foto5: Frente da E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



Foto6: Vista da E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza



**Foto7: 2º acesso via estrada de terra(7km)
E.M.E.I.E.F. João Francisco de Souza**



**Foto8: Cisterna da E.M.E.I.E.F. João
Francisco de Souza**